

**O BURRO
~EM~PÉ.3**

por José
Cardoso
Pires e
João Abel
Manta

VIAGEM ENTRE A MOSCA E O TURISTA



Nesta altura da estória o Burro-em-Pé andava pelos Algarves, troque-troque, direcção norte-sul, rumo às praias dos turistas e dos notáveis da República. Estava-se no verão. Algarve, cal e pitas. Chaminés em reбуçado e monsiú cigarette, very nice auf wiedersehen.

De focinho no ar, atrás de um fínissimo traço de maresia que lhe vinha de muito longe, do litoral, o nosso herói meteu por entre figueiras anãs e chocou-se com alfarrobas negras que eram como vírgulas gigantes enforcadas nas árvores; marginou quintais; abriu silvedos de amora-poeira e lagarto-clorofila. Isto, evitando sempre os lugarejos e as moscas domésticas.

porque o consideravam vaidoso, desertor e tal e tal, ao mesmo tempo que lhe juravam pela pele com urros do tamanho da Comarca. De modo que arreda, Aguinaldo, dizia o Burro-em-pé, afastando-se na ponta da unha.

Está claro que ele, nascido e criado para aguentar com o baralho dos cidadãos de primeira, de primeiríssima, ultra-primeiríssima e mais para cima, upa, upa, ele burro, portanto, tinha as suas

MOSCAS DA PRAXE.

três ao todo: a de ramela pendida, também chamada a Faroleira, essencial para cortar o sono; a do umbigo arrepiado, sempre activa no marchar; e a Confidente ou detrás da orelha, a mais fiel. Apareciam outras, as eventuais, porque quanto maior é a pobreza mais moscas — mas as da praxe bastavam-lhe e habituara-se a desabafar e a desabar as chatices em cima delas. Sempre que a vida lhe dava para o azar espojava-se no chão, procurando matá-las ou vergastá-las

com a cauda. Não as apanhava nem isso interessava. O que interessava era o exercício em si mesmo: a cauda Zut! a mosca Zumbido ... zut, zumbido ... chicotada de cauda, ferradela de mosca zut, zumbido...e passado pouco tempo estava outra vez de pé sem problemas.

Dizia-se: cada homem tem o burro que merece e cada burro a mosca em que se vinga. Seria assim no caso dele?

OS 5 ANOS DE AGUINALDO

Pois sim, pois, sim, mas no caso dele nunca a Providência SARL lhe tinha dado patrão que o merecesse. Conhecera cinco donos e todos broncos a mais não poder ser, uns calhaus. Do primeiro que se lembrava, o almocreve Aguinaldo, só sabia que ganhava o pão, distribuindo pontapé nele, jerico, e na barriga da mulher, em doses industriais. Hoje estava rico e cavalgava uma camioneta de muitos cavalos em rações de óleos pesados. O a se-

guir, Mosquitela por apelido, entregou-se à construção civil, abandonando a agricultura da batata para semear tijolo por esse país fora. O último, o menos velhaco, emigrara. Chamava-se Paisaninho. Destinos.

Parece que o nome oficial do Burro-em-Pé nasceu destes três anos. Primeiro, Aguinaldo em honra do almocreve, o tal do pontapé despachado: o povo chamava-lhe «o burro do Aguinaldo» e Aguinaldo ficou. Mais tarde foi trespassado ao Mosquitela mas aí as opiniões dividem-se: há quem diga que o homem é que tomou por alcunha o nome do burro, visto que o animalzinho tinha tantas chagas que andava coberto de moscas e de mosquitos. Doutra maneira seria Mesquitela, (e não Mosquitela), como compete a um homem, não é isto verdade? Finalmente, veio o Paisaninho que não era nada Paisaninho de baptismo mas que ficara a ser por incapacidade militar, depois de ter andado três anos na recruta. Era este, salvo erro, que costumava gabar-se de que

«COM OS INTELIGENTES POSSO EU»

por ter a consciência de que era analfabeto até à meia sílaba. Como os inteligentes, lá porque estavam convencidos da sua sabedoria nem sequer gastavam um segundo a pensar diante dum empedernido como ele, Paisaninho comia-os à meia volta. Enriqueceu. Olá.

Aguinaldo Mosquitela Paisaninho, o Burro-em-Pé, nunca mais se esqueceu deste princípio. Agora, ao ver a comunidade dos jericos contra ele, achava-o definitivo, das tais regras de pancada alta que arrumam qualquer situação. Sabia que a mosca faz parte do burro como o burro faz parte do homem e, depois da perseguição que a irmandade lhe tinha montado, aprendera que em terra de burros quem não tem quatro patas é asno. Porém, CRUEL DILEMA, onde começava o homem e terminava o asno? Seria o asno o homem em horizontal?

O ponto era este. Enquanto se aproximava do litoral interrogava-se so-

bre a sua situação de criatura entre o coice e a palavra. Só que de quando em quando vinha-lhe à ideia o conselho do patrão Paisaninho e então espertava. Chegava a dar pinos e pinotes de contente, ao lembrar-se de um pensamento tão extra, tão superlativo, tão extra-super, dizendo em voz alta, como se cantarolasse:

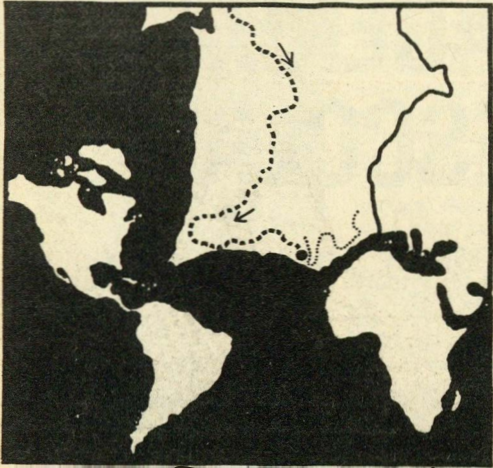
COM OS INTELIGENTES AGUINALDO. COM OS INTELIGENTES. E QUE TU TENS PAZ. OLÉ. OLÉ.

A essa hora os inteligentes estavam todos na capital ou nas praias e, regra geral, achavam muita piada aos estúpidos e aos analfabetos. Até os recebiam bem.

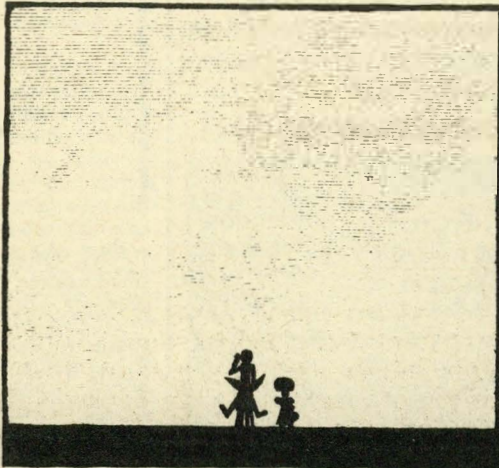
ALTO, QUE ANDA BURRO NA PAISAGEM

Ao pino do meio-dia, atravessava ele um descampado, quando alguma coisa ao ouvido (a vazeira da praxe? a voz da raça?) lhe disse para olhar para trás. Obedeceu. Viu surgir no horizonte dois vultos desgarrados.

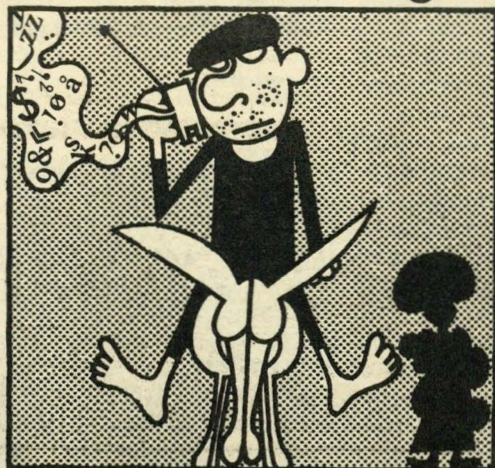
Готовимся увидеть Мое Андураго



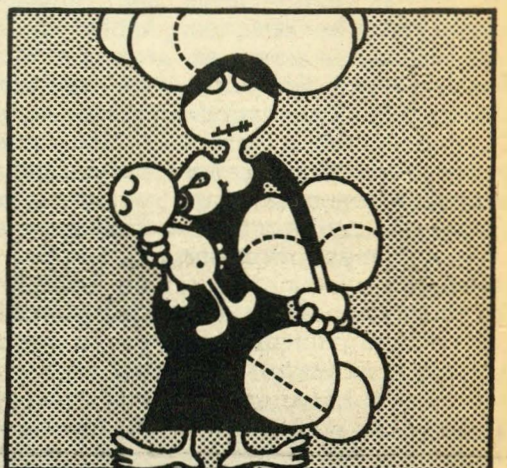
Куда мы идем, по маршруту Мое Андураго!... Андураго



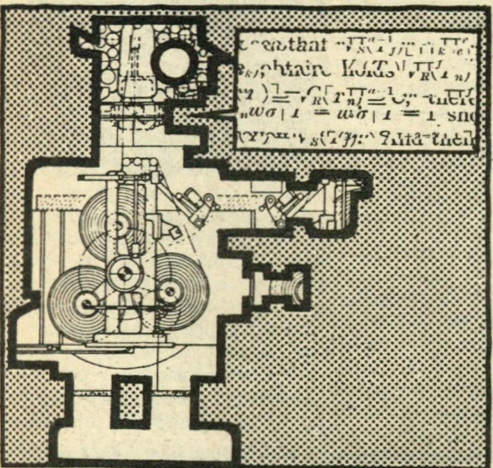
Андураго в плену....



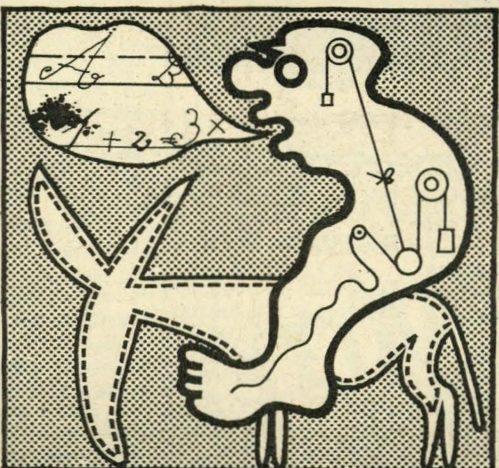
Андураго!... - Сидит сверху на.



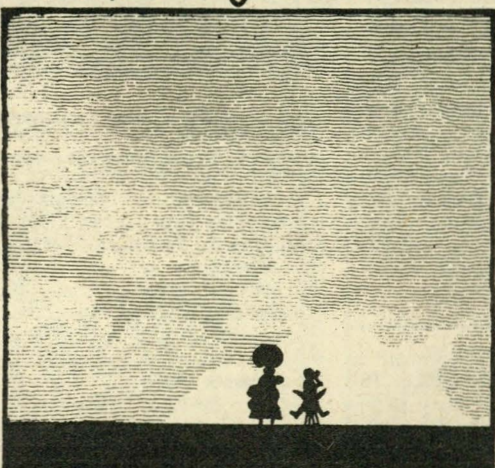
Моя Андураго. Сидит на ухе, Андураго!



Моя Андураго в плену?...



- Ого, ого, ого... Андураго! - Андураго!...



- Видимая часть Андураго, Андураго!...

重なる資源である
本にはごく僅か
日本の石油は
皆である。それも
と遠く離れた中東
産 油である
- Андураго!

O BURRO
~EM~PÉ.3

por José
Cardoso
Pires e
João Abel
Manta

VIAGEM ENTRE A MOSCA E O TURISTA



rados que avançavam por um carreiro de nunca acabar, direitos a ele. Percebeu depois que era um camponês descalço, montado num burro em pêlo e que atrás, descalça também, filho ao colo, vinha a mulher.

O viajante, camisa de luto, fita negra no chapéu, segurava um pequeno transistor encostado ao ouvido, enquanto que o animal, corda larga pendurada ao pescoço, se arrastava a passo solenito, desiludido entre pitas. A falta de melhor, ia pontilhando a marcha com bonicos dourados como se com esse rastro fosse apontando o caminho à mulher com o filho ao colo.

Nem ela nem o camponês diziam palavra. Apenas o transistor, esse búzio ao ouvido, alastra-

va pela planície abrasada e era um traço de som a crescer, a prolongar-se. O homem de luto vinha de olhos fechados, não se sabe se por causa do sol ou se por estar deliciado com a música que o embalava.

Mas qual música? O Burro-em-Pé, à medida que o grupo se aproximava ouvia ruídos, barafunda de sons, mais nada. Intrigado, decidiu sentar-se um pouco à margem do carreiro, a ver em que paravam as modas.

Não esperou muito porque daí a nada passava por ele o jumento meditando a meditar no mundo que trazia dentro da barriga e na caixa das ideias. Parecia tão preocupado que não deu por Aguinaldo Paisaniño. Não teve o mínimo

levantar de orelhas, o mais apagado estremeçimento de família, imagine-se. Também o camponês de luto e companhia vinham de tal modo encaçados com o som que nem viam. E realmente não era música aquilo que o búzio de pilhas ia espalhando ao sol do meio-dia, mas palavreado, frases. Verdade: notícias da última hora, publicidade, telegramas telex. Não querem lá ver?, admirou-se o Burro-em-Pé.

O BOM AMERICANO

Palavras não eram ditas, saltou ao caminho um americano da CIA disfarçado de turista caçador. Como todos os CIAS era pessoa de bom

coração e muito preocupada com os indígenas que encontrava, sem distinção de ricos ou de pobres. Assim, com aquele à-vontade que só os estrangeiros muito dados sabem ter, dirigiu-se ao camponês em viagem no dialecto local e mais ou menos nestes termos:

«USTED NÃO TER
VERGONHA
DE IR EM BURRO
E SU MUJER COITADINHA
IR A PE?»

Ao que o camponês, deixando cair os braços, respondeu:

«QUE HEI-DE EU FAZER?
ELA NÃO TEM BURRO...»

E lá foi, sulcando a poeira, até desaparecer naquele deserto erizado de pitas, ao som de telegramas internacionais, publicidade, e cotações da bolsa de Lisboa.